

De Sânzio de Azevedo

## Penélope

Que tecedera bizarra,  
de dia tece a mortalha

do sogro. De noite, entanto,  
desfaz o que custou tanto.

Os pretendentes esperam  
a escolha da viúva bela.

Viúva, sim, pois creem todos  
que há muito Odisseu é morto.

Será a escolha anunciada  
com a mortalha terminada.

Só Penélope ainda crê  
que vai rever Odisseu.

3ª PARTE

---

**POESIA**

## O dia do adeus

*Regine Limaverde*

*Lentamente a morte dança sobre as pérgulas.  
Deita-se no esquecimento e em ânforas partidas.  
E cresce para se dar madura e em solidão.*

*Artur Eduardo Benevides*

- Morreu. Disseram-me.  
Seu coração parou de bater.  
Como se para que isto acontecesse  
eu tivesse que permitir  
o que fiz aos prantos.

Solucei pela minha impotência.  
Não deveria ter dado a ordem para  
morreres.  
Obedecestes-me.  
Já nem sei com que coragem  
arrei-me para te falar.

Era um trapo  
naquela manhã luminosa de junho.  
Voltei à nossa casa para buscar tua última vestimenta.  
Que roupa deverias vestir?  
Perguntei-me.  
Aonde irias seria festa a rigor ou  
simplesmente um traje esporte?  
Tomei tua melhor camisa:  
linho branco vestiras, como Arimatéa envolveu Jesus.  
Faltava óleo para ungir teu corpo.  
Estavas cheio de marcas.

Teu corpo chagado de mil injeções das hemodiálises,  
cirurgias e glicemias às quais te submeteste antes do adeus.

Compareceste ao tribunal sem sapatos.

A caixa na qual te vi, não suportava o tamanho deles,  
Morto precisa de sapato?

Não suporto a saudade  
de ti,  
dos teus gestos,  
do teu modo de  
me olhar.

Contigo me fui um pouco.  
Agora, sou uma morta ambulante.